

DESENVOLVIMENTO DE VALORES: UM ESTUDO PILOTO

*Ângela Maria Brasil Biaggio**

RESUMO

A experiência descrita baseia-se na teoria de desenvolvimento da maturidade de julgamento moral de L. Kohlberg, que postula uma seqüência de seis estágios neste desenvolvimento. A passagem para estágios mais elevados é facilitada, segundo a teoria, pelo conflito cognitivo. O procedimento de dinâmica de grupo, criado por Blatt e Kohlberg foi seguido, com um grupo de professores e orientadores educacionais do Colégio de Aplicação, visando futura aplicação com estudantes. Verificou-se um amadurecimento do nível de julgamento moral dos participantes, atribuível às discussões de grupo, embora o nível inicial avaliado no pré-teste já fosse bastante amadurecido. Discute-se a possível aplicação futura desse tipo de trabalho em maior escala, com alunos do Colégio.

Este trabalho baseia-se na teoria de desenvolvimento do julgamento moral de Kohlberg (1963; 1964; 1970). Este autor apresenta pontos em comum com Piaget (1932), pois enfatiza a importância da maturação de estruturas cognitivas, bem como postula uma seqüência invariante de estágios no desenvolvimento do julgamento moral. A posição de Kohlberg é, porém, radicalmente diferente da de Piaget e da maioria dos psicólogos que tentam explicar o desenvolvimento moral porque Kohlberg acredita na universalidade de princípios morais. A maioria dos psicólogos parte da premissa de que não há princípios morais universais e que cada indivíduo adquire os valores morais da cultura em que é socializado. Embora haja divergências fundamentais entre as explicações psicanalíticas, sociológicas e de aprendizagem todas definem o desenvolvimento moral em termos de internalização direta de normas culturais. A teoria psicanalítica considera a moral em termos de desenvolvimento do superego. As teorias de aprendizagem enfatizam o papel de reforços e punições na aquisição dos padrões morais. Outra premissa geralmente aceita por psicólogos e que está intimamente

* Doutora em Psicologia; Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação da UFRGS; Pesquisador I-A do CNPq.

relacionada com o relativismo moral é a questão de processos irracionais e emocionais envolvidos na aquisição de valores morais.

O ponto de vista de Kohlberg questiona ambas essas premissas. Afirma que os princípios éticos são distintos de regras e crenças convencionais e arbitrárias e que além disso têm uma seqüência evolutiva invariante, muito semelhante às postuladas por Piaget para o desenvolvimento cognitivo em geral. Kohlberg justifica sua posição com pesquisas que verificaram a mesma seqüência de estágios em várias culturas e subculturas.

Kohlberg também dá ênfase maior aos fatores cognitivos do que aos emocionais e irracionais, no desenvolvimento moral. Kohlberg, que há mais de 15 anos se dedica aos estudos do julgamento moral chegou a postular os estágios de desenvolvimento moral a partir de considerações teóricas e filosóficas (tais como o «imperativo categórico» de Kant), bem como a partir do que as crianças e adolescentes realmente dizem diante de dilemas gerais propostos sob forma de pequenas estórias. Um exemplo de uma das estórias usadas por Kohlberg é apresentada a seguir:

«Na Europa, uma mulher estava quase à morte, com um tipo de câncer. Havia um remédio que os médicos achavam que poderia salvá-la. Era uma forma de radium que um farmacêutico na mesma cidade havia descoberto recentemente. O remédio era caro para se fazer e o farmacêutico estava cobrando dez vezes mais do que ele lhe custava na fabricação. Ele pagava Cr\$ 10.000,00 pelo radium e cobrava Cr\$ 100.000,00 por uma dose pequena de remédio.

O marido da mulher doente, Heinz, foi a todo mundo que ele conhecia para pedir dinheiro emprestado, mas só conseguiu aproximadamente Cr\$ 50.000,00 o que é a metade do preço do remédio. Ele disse ao farmacêutico que sua mulher estava morrendo, e pediu-lhe para vender o remédio mais barato ou deixá-lo pagar depois. Mas o farmacêutico disse: «Não, eu descobri o remédio e vou ganhar dinheiro com isso». Então Heinz ficou desesperado e assaltou a farmácia para roubar o remédio para sua mulher».

Os seis estágios postulados por Kohlberg enquadram-se em três níveis: pré-convencional, convencional e pós-convencional:

Nível I — PRÉ-CONVENCIONAL (ou pré-moral)

Estágio 1 — Orientação para a punição e a obediência.

Estágio 2 — Hedonismo instrumental relativista.

Nível II — CONVENCIONAL (moralidade de conformismo).

Estágio 3 — Moralidade «bom garoto», de manutenção de boas relações.

Estágio 4 — Autoridade mantendo a moralidade.

Nível III — PÓS-CONVENCIONAL (moralidade de princípios morais aceitos conscientemente)

Estágio 5 — Moralidade de contrato e de lei democraticamente aceitos.

Estágio 6 — Moralidade de princípios individuais de consciência.

Vejamos brevemente o que caracteriza cada um desses estágios.

No nível pré-moral, não há propriamente uma moralidade. Os atos são julgados de acordo com suas conseqüências:

— No estágio 1, a criança (ou adulto imaturo) considera moralmente correto aquilo que não é punido); no estágio 2 só considera moralmente correto aquilo que dá prazer. Assim, se Heinz foi preso, o ato é considerado moralmente errado, se não foi preso, está moralmente correto (estágio 1). No estágio 2, se ele precisa da mulher, o roubo é moralmente aceitável, do contrário não. No nível convencional, temos a internalização dos valores da sociedade. No estágio 3, os julgamentos morais são feitos em função da aprovação social, por exemplo, «Heinz deve roubar o remédio porque isto é o papel de um bom marido», ou «porque seus amigos o criticariam se não o fizesse». Enfatiza-se a afetividade e a boa intenção. No estágio 4, temos o respeito à autoridade, às regras e convenções. Frequentemente no estágio 4 se invocam as dificuldades em roubar o remédio porque roubar é contra a lei.

Já no nível pós-convencional, as pessoas adquirem uma capacidade de criticar a moralidade e a justiça da moral vigente, sabem fazer exceções. É o espírito da lei que conta, não mais a letra da lei. Apenas nesse nível encontramos pessoas capazes de modificar estruturas sociais injustas e propiciar um aprimoramento da sociedade.

A maneira de se avaliar em que estágio o sujeito se encontra é bastante complexa e um tanto subjetiva, porém permite chegar-se a um escore numérico (Kohlberg, 1963). Baseia-se na avaliação de vários conceitos morais básicos, tais como «valor da vida humana», «motivos para a ação moral», «bases para o respeito pela autoridade moral», etc., que são avaliados nas respostas a cada estória. Os estágios de que fala Kohlberg são estágios modais, no sentido em que as pessoas raramente respondem no mesmo nível em todas as estórias ou em todos os conceitos, por exemplo: uma pessoa pode dar predominantemente respostas de estágio 4, porém geralmente dará também algumas de estágio 3, algumas de estágio 5 ou mesmo de outros estágios mais distantes. O estágio em que se classifica a pessoa é, portanto, o estágio predominante.

Kohlberg estudou culturas ocidentais e não ocidentais e seus resultados parecem indicar que os valores morais básicos são encontrados em todas as culturas e que se desenvolvem na mesma ordem.

Resultados bem semelhantes foram encontrados por Kohlberg com sujeitos de Formosa, México e Turquia. Embora detalhes de regras morais possam variar com a cultura, Kohlberg encontrou as mesmas seqüências de estágios. Por exemplo: um garoto americano, estágio 2, respondeu à pergunta: «Deve o médico praticar eutanásia com uma paciente desenganada?», da seguinte maneira: «Talvez fosse bom aliviá-la de sua dor, ela estaria melhor assim. Mas o

marido não ia querer isto, não é como se faz com o animal. Se um animal de estimação morre você pode se arranjar sem ele — não é uma coisa que realmente precise, como uma esposa. Bem, você pode arranjar outra esposa, mas não é a mesma coisa». Numa adaptação da história do remédio roubado, crianças da Formosa, no estágio 2, provavelmente teriam respondido algo como: «Ele deveriaroubar para salvar a mulher, porque se ela morresse, ele teria de pagar o enterro e isto custa um dinheirão». Em ambos os casos vemos a orientação hedonista. O julgamento é feito na base das conseqüências para o marido.

Além da autora (Biaggio, 1976), Lazari (1978, 1979) e Bzuneck (1975, 1979) realizaram estudos com amostras brasileiras, baseados na teoria de Kohlberg.

Kohlberg e seus colaboradores têm desenvolvido programas de aumento da maturidade de julgamento moral, que se baseiam fundamentalmente na noção de conflito. É através do conflito cognitivo que se passa de uma estrutura mais simples para uma mais elevada. Operacionalmente, isto significa que se pode avançar o estágio de desenvolvimento moral de uma pessoa, lançando-a em conflito, através da exposição a raciocínios próprios do estágio imediatamente superior àquele em que a pessoa se encontra.

Blatt e Kohlberg (1975) descrevem tal tipo de treinamento, com pré-adolescentes. O trabalho é feito em grupos, sendo que o líder do grupo, ou lança argumentos próprios do estágio imediatamente superior, ou aproveita quando um desses argumentos aparece espontaneamente em um dos membros do grupo.

Através desse tipo de trabalho de dinâmica de grupo, têm-se obtido avanços na maturidade de julgamento moral, de um estágio, ou até de dois estágios, porém não mais do que isso.

Estudos longitudinais revelam também que esses ganhos são bastante estáveis.

O trabalho experimental de educação moral baseia-se em 4 princípios fundamentais:

1) A facilitação da mudança para estágios superiores, ou seja, o aumento da maturidade de julgamento moral.

2) Provocar desequilíbrios: o desenvolvimento moral é estimulado pelo estabelecimento de um conflito cognitivo ou desequilíbrio e não pelo ensino direto dos estágios (Conflito e desequilíbrio devem ser entendidos aqui no sentido Piagetiano de curiosidade e surpresa, e não no sentido do conflito de natureza emocional).

3) O papel do educador é o de propiciar experiências que estimularão a auto-descoberta do raciocínio de um estágio superior. É importante notar que a

mudança se obtém para um estágio acima apenas. Não é possível, por exemplo, avançar do estágio 2 para o 5.

4) Os direitos dos indivíduos devem ser protegidos em todas as fases da educação moral, incluindo-se o direito de decidir sobre a participação num programa dessa natureza e de adotar qualquer sistema de valores em crenças sem receio de represálias.

Os passos no procedimento de educação moral propostos por Kohlberg são os seguintes:

I — Formação de grupos, com base na avaliação do estágio de julgamento moral.

II — Escolha e preparação de dilemas.

III — Estabelecimento do clima psicológico adequado.

IV — Início de discussão, apresentando-se um dilema, obtendo-se as opiniões iniciais e estruturando-se os debates entre os participantes que apresentam estágio inferior e os que raciocinam um estágio acima.

V — Guiar a discussão em direção aos estágios superiores, criando desequilíbrio para o maior número de participantes que for possível e apresentando então um argumento.

VI — Finalizar a discussão.

As sessões têm duração de aproximadamente uma hora, podendo-se discutir de 1 a 2 dilemas por sessão. O 2º deve ser introduzido faltando pouco tempo para o final da sessão, a fim de não ser totalmente elaborado, levando-se então o conflito para casa — entre sessões, o que maximiza o desequilíbrio.

O número de sessões de grupo não é fixo, e depende do bom senso de quem conduz o programa. É possível conduzir tais sessões semanais durante um ano escolar sem causar tédio. As sessões devem ser anotadas, ou, de preferência, gravadas.

Detalhes sobre o procedimento proposto inicialmente por Blatt e Kohlberg (1975) são apresentados por Arbutnot e Faust (1981).

Em projeto a ser desenvolvido pela autora foi proposto um programa experimental para aumento da maturidade de julgamento moral junto a crianças de 6ª. a 8ª. série do Colégio de Aplicação da Faculdade de Educação da UFRGS.

O programa será supervisionado pela pesquisadora, com a colaboração de um grupo de professores e orientadores do Colégio, que vêm se preparando para isto, através de participação em sessões de grupo, conforme descrito posteriormente, grupo de estudos sobre a teoria, planejamento de detalhes de ordem prática referentes à execução do trabalho (escolha das turmas, número de participantes, horários, salas) e elaboração de dilemas adequados a nossa realidade.

FASE PRELIMINAR:

O trabalho foi iniciado em março de 1982, com contatos com a direção e professores do Colégio de Aplicação da Faculdade de Educação para o planejamento e compatibilização de horários dos participantes, tendo sido formados dois grupos de professores, um com seis e outro com sete membros, atuando nesses grupos, como líder, a coordenação do projeto ou a sua colaboradora.

As atividades foram iniciadas com a aplicação da forma B e das situações de julgamento moral de Kohlberg como pré-testes.

Foram selecionados e traduzidos até o momento 6 dilemas que parecem mais adequados à nossa realidade.

A partir daí foram realizadas sessões semanais de uma hora de duração, sendo que em cada sessão eram discutidos um ou dois dilemas escolhidos dentre os dilemas morais hipotéticos propostos por Blatt, Colby e Speicher (1974), colaboradores de Kohlberg.

Na 5ª. sessão, sentiu-se a necessidade de discutir outros dilemas da vida real dos participantes, por isso nessa sessão, não foi utilizado nenhum dos dilemas de Blatt et alli, retornando-se a eles na sessão seguinte.

Nos dias 28 e 29 de junho foram realizados pós-Testes utilizando-se a Forma A das situações de julgamento moral de Kohlberg.

A seguir apresentamos um resumo de o que ocorreu na 1ª. sessão, a título de exemplo.

1ª sessão: 2ª feira — 17 de maio de 1982.

Participantes: Cinco participantes, a experimentadora e a colaboradora, tendo a experimentadora atuado como líder da discussão e a colaboradora como observadora participante.

DILEMA: O Coração Artificial

Uma pessoa inventou um coração artificial que se mostrou muito simples e eficaz. Ele passou muitos anos devotado a sua invenção e, com os resultados desta, muitas vidas humanas poderiam ser salvas.

Quando o projeto estava completo, o inventor patenteou sua descoberta. Para a fabricação da sua invenção, o coração artificial, o inventor demandava uma grande soma de dinheiro para a sua industrialização.

1 — O Governo poderia impor um limite nos lucros de produtos que muitas pessoas realmente necessitam e que não poderiam comprar se os preços fossem muito altos? Por que ou por que não?

2 — Deveria uma pessoa ter o direito de privar outras pessoas do direito de viver?

3 — Que tal se você descobrisse alguma coisa que pudesse salvar milhares de vidas, o que faria você? Por quê?

4 — Deveria o Governo ter o direito de impor controle sobre os preços e sobre os rendimentos (lucros)?

5 — Deveria haver limites na quantidade de lucro que uma companhia ou uma pessoa pode ter?

Por que sim ou por que não?

A discussão centralizou-se na idéia de que o cientista deveria ter um posicionamento ético-filosófico de doação, o cientista deveria ser humanista. Logo outro participante do grupo questionou essa idéia argumentando que o cientista é um profissional, portanto deve valorizar seu trabalho, cobrando como achar que deve.

O primeiro argumento contém noções humanitárias, de respeito ao ser humano, que podem ser classificadas como estágio 5, mas contém alguns elementos de estágio 3 — a concepção do papel de «bom sujeito» do cientista. Já o segundo argumento (deve cobrar) reflete uma posição individualista com elementos de estágio 2 (prazer próprio), ou estágio 4 (a lei e os costumes vigentes permitem cobrar).

Logo em seguida surgiram argumentos no sentido de que o governo deveria estabelecer mecanismos que possibilitassem a todas as pessoas necessitadas terem acesso a um invento em área essencial, (ex. saúde) e também permitisse ao cientista um nível de remuneração adequado (Estágio 5).

Outro participante salientou que o critério máximo seria a vida em primeiro lugar e que até a vida animal tem valor. Discutiu-se então longamente sobre a diferença entre o valor da vida humana e o valor da vida animal, sendo que gradualmente os participantes que não distinguiam os dois, terminaram por reconhecer a superioridade do valor da vida humana, ou seja, uma mudança de estágio 3 (moral da afetividade) para o estágio 5.

Ao final da sessão focalizou problemas sociais em geral, o futuro da humanidade, paz, justiça social, etc. ...

O que vimos no decorrer da sessão foi que os sujeitos que inicialmente usavam argumentação mais primitiva (estágios 2 e 3) passaram a expressar pensamento no nível 4 e 5, levados pela discussão e conflito de posições com os participantes que usavam argumentação mais amadurecida. (Estágio 5).

Analisando os dados dos sujeitos que participaram de todas as sessões e para os quais há dados de pré e pós-teste, vemos que houve um ganho significativo na maturidade de julgamento moral do grupo, uma vez que, como se vê na Tabela 1, dos 6 participantes, 4 aumentaram de estágio e os que não aumentaram já estavam nos níveis mais altos.

TABELA 1

| Sujeitos | Estágio no Pré-Teste | Estágio no Pós-Teste | Diferença |
|----------|-------------------------|-------------------------|-----------|
| A | 5 | 5,6 | + 1/2 |
| B | 4(5) | 5(4) (3) | + 1 |
| C | 5,6 | 5,6 | 0 |
| D | 3(4) | 5(3) | + 1,5 |
| E | 5(3) | 5(3) | 0 |
| F | 4(5) | 5 | + 1/2 |

A amostra é muito pequena para justificar qualquer análise estatística, mesmo não-paramétrica. Em termos de uma experiência piloto, os resultados são bastante encorajadores.

Planeja-se durante o ano de 1983 iniciar, em caráter experimental, o trabalho junto a adolescentes do Colégio de Aplicação, com a colaboração dos orientadores educacionais que participaram dessa experiência piloto.

A relevância desse trabalho reside na importância do tipo de pensamento moral pós-convencional, pois só este permite o raciocínio crítico capaz de transformações. Acreditamos que só formando uma juventude capaz de questionar o «status quo», o que só é possível com a moral convencional, é que se conseguirá promover mudanças sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARBUTHNOT, J.B. & FAUST, D. *Teaching moral reasoning; theory and practice*. New York, Harper and Row, 1981.
- BIAGGIO, A. A developmental study of moral judgment of Brazilian children and adolescents. *Interamerican Journal of Psychology*, 1976, 10, 71-78.
- BLATT, M & KOHLBERG, L. The effects of classroom moral discussion upon children's level of moral judgment. *Journal of Moral Education*.4(2): 129-61, Feb. 1975.
- BLATT, M.; COLBY, A.; SPEICHER, B. *Hypothetical dilemmas for use in moral discussions*. Cambridge, Mass., Moral Education and Research Foundation, Harvard University, 1974.
- BZUNECK, J. A. *Desenvolvimento moral: avaliação dos estágios Kohlberguianos em crianças e adolescentes de Londrina*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1975. Dissertação de mestrado.
- . *Julgamento moral de adolescentes delinquentes e não-delinquentes em relação com ausência paterna*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1979. Tese doutorado.
- . DURKHEIM, E. *Sociology and Philosophy*. Glencoe, Free Press, 1953. Edição original de 1900
- KOHLBERG, L. The development of children's orientation toward a moral order: I. Sequence in the development of moral thought. *Vita Humana*, 6:11-33, 1963.
- . The development of moral ideology. In: HOFFMAN, M. *Review or child development research*. New York, Russel Sage Foundation, 1964.
- . From is to ought: how to commit the naturalistic fallacy and get away with it in the study of moral development. In: MISCHEL, T.S., ed. *Genetic Epistemology*. New York, Academic Press, 1970.

- KOHLBERG, L. & BLATT, M. *Development Psychology today*. Del Mar, CRM Books, 1970.
- KOHLBERG, L. & KRAMER, R. Continuities and discontinuities in children and adult moral development. *Human Development*, 12(3): 93-120, 1969.
- KOHLBERG, L. & TURIEL, E., ed. *Recent research in moral development*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1971.
- LAZARI, J.S. Relações entre maturidade de julgamento moral e características de personalidade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*. Rio de Janeiro, 31(4): 61-6, out./dez. 1979.
- . Relações entre maturidade de julgamento moral e percepção das atitudes maternas e paternas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, Rio de Janeiro, 30(3): 45-7, jul./set. 1978.
- PIAGET, J. *Le jugement moral chez l'enfant*. Paris, Libr. Z. Alcan, 1932.

ABSTRACT

The study described here is based on L. Kohlberg's theory of the development of maturity of moral judgment. Kohlberg postulates the existence of six stages in this sequence. The movement toward higher stages is facilitated through cognitive conflict. The group technique devised by Blatt and Kohlberg was followed with a group of teachers and counselors from Colégio de Aplicação with the aim of future activity with the students. The results indicated that most participants reached a more mature level of moral judgment, although their initial level assessed in the pre-test was already fairly high. The possible application of such techniques with students from Colégio de Aplicação are discussed.

(Recebido para publicação em 10.03.83)